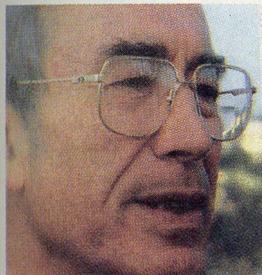
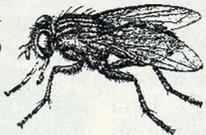


As estátuas malditas



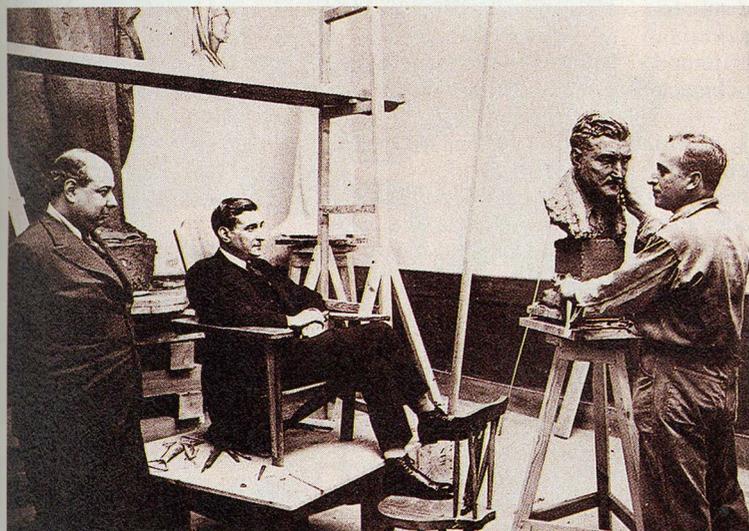
José Cardoso Pires

●●● Vimo-las ensombrando o país sonâmbulo do nosso medo. Salazar, terrível, talhado em bronze sinistro pelo mestre Francisco Franco, num pátio da corrupção intelectual do velho Palácio Foz. Carmona, marechal tolerado, a comandar o jardim do Campo Grande com uma dignidade de opereta. Duas estátuas



do património artístico e mais nada. Tal como se, em exclusiva defesa da prosa literária, se pretendesse repor nos com-pêndios escolares os discursos imperiais do Doutor Salazar... O mais grave, porém, é que não há qualquer avaliação estética que seleccione e justifique as estátuas malditas nem um lugar

O escultor Francisco Franco modelando o busto de Salazar na presença de António Ferro



monumentais que hoje são o saldo recusado de uma paisagem política que queremos encerrada para sempre.

Agora, depois da Revolução de Abril, ambos foram apeados dos pedestais de honra da cidade e exilados num depósito municipal à mistura com outras figuras ornamentais de uma geografia urbana de expressão totalitária. Ali jazem, e esperam. E eis que a Câmara de Lisboa ameaça reabilitá-los e provavelmente restituí-los aos lugares cimeiros que ocupavam nos tempos da Ditadura.

Toda esta tentativa de recuperação pretende justificar-se, já se sabe, em defesa

ajustado que lhes possa ser atribuído: excluindo o monumento a Salazar, que apesar de tudo sempre tem a assinatura de Francisco Franco e caberia algures num museu, tudo mais é obra de fachada com a mediocridade cultural do totalitarismo mais ou menos envergonhado.

Sabemos como a distância histórica corrompe não só as estátuas como a memória que o cidadão lhes consagra. Voltar a reviver os monstros fora da paisagem do seu tempo é trazê-los a uma luz enganadora numa imagem que os afasta da realidade histórica e que os absolve em conjectura e em lenda. ■

O Noivado do Sepúlveda e o Naufrágio do Sepulcro

José Sesinando



4 Os segredos de Joaquim Furtado

Do Arco da Velha

O estranho caso de uma separação de pessoas e bens

5 R(u)icochete

O cartoon de Rui Pimentel

6 A magia de Woody Allen

Entrevista com o realizador e uma história cujos protagonistas são as suas mulheres e os seus filhos

15 Escrever na Água

A crónica de Augusto Abelaira

16 Protagonistas

Quem são Leonel Moura e Ana Vicente

18 Cirurgia estética

O corpo em reconstrução

24 Uma aldeia ao fundo

Reportagem na Várzea, povoação que vai ser inundada pelas águas da Barragem do Lindoso

30 Vida, amor... e vacas

Um cantinho rural na paisagem lisboeta

34 Perfil

João de Melo visto por Isabel Risques

36 Retrato Falado

Vasco Mendes Lopes é um nome a fixar. Fernando Assis Pacheco mostra porquê

42 Teste

Veja se tem actuado correctamente com os seus filhos

44 Divã, o Terrível

Um consultório muito mais que sentimental

46 Miradouro

Angela Caires faz o elogio da Juventude

Este suplemento faz parte integrante da edição nº 889 de «O Jomal», de 6 a 12 de Março de 1992 não podendo ser vendido separadamente. Montagem na Intergráfica, Publicidade e Artes Gráficas, Limitada, selecções de cor na Reproscan e impressão na Lisgráfica.